



# FHC: “Os tucanos não ficam mais no muro”

Homenageado pelo partido, presidente responde a correligionários dizendo que PSDB também tem capacidade de ser convencido

César Felício  
de Brasília

O PSDB teve ontem o seu momento de prestígio junto ao presidente Fernando Henrique Cardoso. Foi em um coquetel no Clube das Nações, com toda a cúpula tucana, que Fernando Henrique comemorou publicamente o seu 66º aniversário. O encontro foi arquitetado para diluir o constrangimento entre os tucanos provocado pela influência do PFL nas decisões políticas do presidente e pelo jantar, antontem, entre Fernando Henrique e o principal adversário do PSDB em São Paulo, o ex-governador Paulo Maluf, do PPB.

Da parte do presidente, veio um sutil recado aos que o criticam veladamente dentro do PSDB: “Os tucanos não ficam mais no muro. O partido tem estilo, tem capacidade de convencer, e, às vezes, de ser convencido”, afirmou, em discurso durante o coquetel. Do lado tucano, as lideranças da legenda unificaram o discurso no sentido de minimizar os últimos episódios.

“O PSDB, em sua maioria, está satisfeito com o poder que tem dentro do governo. É um partido que não é, nem nunca foi, hegemônico dentro do Congresso e tem que aceitar a aliança com o PFL e os outros partidos por este motivo. Não podemos dar ouvidos a tucanos com dentes de aranhas, vorazes por mais espaço”, disse o senador Artur da Távola (PSDB-RJ).

“Não há nada de errado no presidente encontrar com o Maluf. Ele é de um partido governista, tem que ser tratado com respeito e não pode ser empurrado pela oposição. Tanto o Maluf quanto o governador Mário Covas sabem que em 1998 o presidente vai subir no palanque do PSDB em São Paulo”, acrescentou o líder do gover-

no no Congresso, senador José Roberto Arruda (PSDB-DF). “O presidente vai subir no palanque do Covas com a tranquilidade de quem colhe uma fruta no quintal”, completou o presidente nacional da legenda, senador Teotônio Vilella Filho (PSDB-AL).

A conclusão partiu do presidente: está tudo em paz dentro do PSDB. “Não vi nenhum bico. Se houve, acho que preciso trocar os óculos”, brincou Fernando Henrique com os jornalistas, conforme divulgou a agência Investnews. Amabilidades à parte, os tucanos se preparam para uma guerra com seus aliados — o PFL e o PMDB —, nas próximas eleições, em que cada gesto de campanha de Fernando Henrique nos estados terá que ser cuidadosamente estudado.

Os esforços dos presidentes do PSDB e do PFL, Teotônio Vilella Filho e o deputado José Jorge (PE), para a repetição da aliança federal no plano estadual, não entusiasma os tucanos diretamente envolvidos nos conflitos regionais. Um exemplo é o Rio de Janeiro, onde os dois partidos polarizam a disputa. “Não tem problema algum a divisão da aliança nos estados”, afirmou Artur da Távola, que disse não ver necessidade em uma aliança de tucanos e pefelistas no Rio de Janeiro.

“Quanto mais o César Maia (PFL) ataca violentamente o governador Marcello Alencar (PSDB), mais a aliança se torna impossível. O eleitorado não vai compreender uma coligação dos dois”, disse Távola, para quem “o importante é que no segundo turno haja um compromisso de apoio mútuo”. Uma aliança no Rio de Janeiro é considerada prioritária para todos os dirigentes do PSDB e PFL, menos para as lideranças dos dois partidos no próprio Estado.



Artur da Távola